

## LÍNGUA AFIADA: DONANA E OS SABERES ANCESTRAIS EM TORTO ARADO

Nádja Nayra Brito Leite<sup>4</sup>

*Resumo:* No Brasil profundo de Torto Arado, as mulheres não só narram o enredo como dão alicerce para a história, sendo assim, a reflexão deste trabalho concentra-se na importância da força da oralidade, da ancestralidade e da memória de afeto para a construção enunciativa da obra e para o encorpar das resistências femininas das protagonistas. Sem desconsiderar as demais mulheres da história, o seio familiar e a relação entre as netas Bibiana e Belonísia (protagonistas de livro) e a avó Donana (matriarca do romance) dão pistas valiosas para desvendar como se constrói o enlace de corpos-vozes femininos e a ancestralidade. Algumas proposições a analisar: como a personagem Donana, entendida como uma mestra de tradição, uma grão feminina, compõe o fio condutor da história? A construção imagética da personagem Donana ocorre de forma diferenciada na memória afetiva de cada neta? Para discutir tais proposições, a metodologia visa à pesquisa qualitativa com referenciais que possibilitem leituras que tratam sobre ancestralidade, oralidade/oralidade, escrevivência tendo Evaristo (2016), Gonzalez (1984), Hooks (2019) e Martins (2003) como eixos discursivos para análise.

*Palavras-Chave:* Narrativa baiana; Feminismos; oralidade; ancestralidade; escrita negra

---

<sup>4</sup> Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de pesquisa: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia. Endereço Eletrônico: atendimentoonadjaleite@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O romance *Torto Arado* (2018) de autoria do geógrafo, doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e escritor baiano Itamar Viera Júnior é um dos maiores sucessos editoriais dos últimos anos, vencedor de grandes honrarias com um respaldo crescente de crítica e público. A história do livro se passa na fictícia fazenda Água Negra, localizada na Chapada Diamantina/Bahia, região que tem a exploração do diamante e a lavoura como atividades econômicas, e conta a passagem da infância à idade adulta de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, camponesas negras, descendentes de escravizados. Sem determinar ao certo o período histórico, o autor optou por construir a trama por meio de um realismo mágico, fundindo narrativas realísticas e fantásticas, tomado como um mosaico complexo de memórias diaspóricas que transversa gênero, raça e classe e traz à tona temáticas e abordagens étnico-raciais e sociais como a religião de matriz africana Jarê, a ancestralidade, o direito à terra, a luta dos trabalhadores camponeses, a servidão e a escravidão, contribuindo com o agenciamento de discussões e reflexões sobre símbolos que acenam para passado e para o presente da nação. Para desenvolver esse enredo, Júnior (2018) constrói uma narrativa polifônica com três potenciais femininas: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira (entidade fantástica da religião jarê), responsáveis pela narração em primeira pessoa dos capítulos “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue” respectivamente, ressaltando o protagonismo feminino-negro dentro de uma sociedade patriarcal racista. A importância das vozes femininas é fundamental para a elaboração e a manutenção das tradições e da memória familiar e comunitária do local. E neste contexto, a personagem Donana, a matriarca, se destaca pela forma que é revelada na trama e pela complexidade construtiva da mesma. O presente trabalho traz a griô feminina à

centralidade e ao foco, e a investigação visa analisar, por meio das enunciações das suas netas e da “encantada”, a potência da idosa na saga, enfatizando a ancestralidade e a importância desta para a construção das re-existências das demais mulheres por meio de um aporte teórico sobre feminismos, ancestralidade e memória.

## **DONANA NA VISÃO DE BIBIANA – A PARTEIRA E A ENTIDADE**

A capa mais divulgada do romance *Torto Arado* tem ilustração de Linoca Souza (uma livre criação a partir da fotografia de Giovanni Marrozzini) representando duas mulheres negras que estão com mãos centrais dadas e nas outras empunham ramos da planta espada-de-São-Jorge. A simbologia da planta (na ilustração) e da faca (na fotografia) está ligada tanto ao corte, rompimento de um processo, quanto ao enfrentamento. Já as mãos dadas expressam a união das mulheres nesta luta. Este ícone representa bem o fio condutor da história, cuja partida é quando as então crianças Bibiana e Belonísia tentando descobrir o que há de secreto na mala de Donana se encantam com o brilho da faca da genearca e cortam a língua de uma delas, tornando-se muda uma das irmãs. Já no início do primeiro capítulo do livro, a personagem Donana é fundamental para o enredo, pois é a mala da matriarca, que contém outros elementos além da faca com cabo de marfim, que desperta a curiosidade das netas e impulsiona a travessura trágica que muda para sempre a vida das duas irmãs. E nesta parte, Bibiana contando a história, apresenta ao leitor as impressões dela sobre a avó. “Minha avó, em particular, só precisava nos olhar com firmeza para sentirmos a pele arrepiar e arder, como se tivéssemos nos aproximado de uma fogueira”. (JÚNIOR, 2018, p.8). O respeito dispensado à avó pela neta mais velha é uma mistura de reverência com uma certa dose de medo pela autoridade constitutiva do ceio familiar. Contudo Bibiana também expressa Donana com orgulho, apresentando-a como uma experiente parteira do local:

Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau – os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos – **encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana...** Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, **como deveria ser a mão de uma parteira**, dona Tonha dizia... (JÚNIOR, 2018, p.16) (Griffo nosso).

Nas comunidades rurais e quilombolas, as parteiras têm papel fundamental para a manutenção da saúde e da memória do local. O parto é um ritual simbólico do universo feminino que une mulheres em torno de mesmo objetivo: dar à luz a alguém. Aquela à qual a gravida confia a hora do parto e os primeiros momentos da sua “cria” no mundo é digna de respeito e tem uma posição de prestígio na comunidade, como informa Bibiana “minha vó assumiu a missão com toda deferência”. Ela também informa a troca de saberes entre sogra e nora “...minha mãe foi sua ajudante. Observava os movimentos do corpo, rezas e interditos; o que poderia e não poderia ser comido, bebido, feito”. (JÚNIOR, 2018, p.47). O conhecimento adquirido pelas parteiras, especialmente as mais velhas, é transmitido oralmente no contexto familiar e nas redes de relações comunitárias e entre os saberes ancestrais das parteiras estão rezas, orações, palavras, gestos, chás que são usados no ritual do parto, em meio a uma complexidade de situações, desde dificuldades de acesso aos lugares onde residem as parturientes às complicações biológicas e psicológicas que podem ocorrer durante o evento. O aprendizado é feito por meio da observação e da transmissão oral do conhecimento e neste ensino-aprendizagem a performance (corpo, voz, gestos, silêncios) das parteiras mais experientes é a tez do aprendizado das novatas. Como sentenciam Martins (2001, p.16) “O corpo em performance restaura, expressa, e, simultaneamente, produz esse conhecimento grafado na memória do gesto...a memória dos saberes dissemina-se por inúmeros atos de performance”. Tomando o parto como um ritual, vale

acrescentar que para a estudiosa: “Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros, além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance”. (MARTINS, 2001, p.5). Leda Maria Martins traz também um outro conceito imprescindível para o entendimento da construção da memória na fazenda Água Negra: a oralitura.

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporiedades se processam. (MARTINS, 2021, p. 41)

Na mistura de performances orais e corporais, as mulheres de Torto Arado vão preparando um solo fértil para a construção das suas re-existências, respeitando ritos, crenças, saberes ancestrais, em reverência ao papel das mais velhas na constituição dessa comunidade, conforme ressalta os relatos de Bibiana: “os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos”.

## **DONANA NA VISÃO DE BELONÍSIA – A CURANDEIRA E A VOZ**

Dialogando com “oralitura”, traz-se para a roda dessa análise o conceito de “escrevivência”. Cunhado pela romancista, contista, poeta e pesquisadora Conceição Evaristo, este termo traz a manifestação da mulher negra na forma de contar suas histórias por meio de vivências e experiências. Nas palavras da própria autora, “escrevivência reúne um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever”, “viver”, “se ver”:

Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra... (SANTANA E ZAPPAROLI,2020)

Neste contexto, mesmo o autor do livro *Torto Arado* sendo um homem negro, compreende-se que ele privilegia as histórias das mulheres negras, colocando-as como protagonistas. Considera-se nesse trabalho, pois, Bibiana e Belonísia contando suas histórias e das ancestrais como donas da escrita, senhoras das suas escrevivências. Ressaltasse também o papel de Donana pois como relatam as netas: “Donana contava histórias que não tinham fim” e eram histórias dos encantados, de três casamentos e da viuvez, dos mistérios da vida da tia Carmelita... Oralitura e escrevivência remetem diretamente à construção da memória por meio dos saberes ancestrais imprescindíveis para o desvelar das re-existências femininas, pois

A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos... Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais. (OLIVEIRA, 2005, p.258)

Corroborando com a ideia de ancestralidade como arma política e força-motriz das construções sociais, remete-se ao pensamento de Gonzalez (1984) que estabelece um jogo dualístico entre “consciência” e “memória” dizendo que a consciência é o lugar da alienação, pois reproduz um discurso ideológico dominante enquanto a memória é o lugar da

emergência da verdade. “Consciência exclui o que memória inclui” (GONZALEZ, 1984, p.226). Nos momentos de aflição de Belonísia, a memória afetiva da avó surgia com sua força ancestral emaranhada de histórias e revigorava as energias da neta, dando-lhe vigor para enfrentar o patriarcado que lhe impunha sanções e medos. “Minha avó surgiu em meus pensamentos com sua brabeza, com seu chapéu grande, com seu punhal com cabo de marfim...” (JÚNIOR, 2018, p.92). Belonísia que devido à traquinice infantil, que inicia o livro, tornou-se muda, sentia as palavras ecoarem em sua mente por meio das ancestrais como relata “Agora, com os maus-tratos de Tobias, elas se tornaram mais vis, **eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci...**”(JÚNIOR, 2018, p.111) (Grifo nosso).

A neta mais nova também apresenta a matriarca como uma das curandeiras do local. Fonte de conhecimento ancestral, assim como as parteiras, as curandeiras também têm destaque na comunidade, pelo seu poder de curar por meio de ervas, raízes e rezas. Misteriosas, enigmáticas e detentoras de conhecimentos sobre processos de cura, as curandeiras podem aprender e ensinar o dom. Junior (2018, p.147) informa que Donana “aprendeu a manejar ervas e raízes para fazer xaropes e remédios para os mais distintos males que acometiam gente de toda origem”.

## **A VISÃO DE SANTA RITA PESCADEIRA – O ENFRENTAMENTO E A CORAGEM**

Além de parteira e curandeira, Donana também era conhecida na localidade pelos seus dons espirituais, apesar de não ter um cargo na religião Jarê. Bibiana ressalta que: “Minha avó transitava como uma entidade viva, quase sobre-humana.” (JÚNIOR, 2018, p.49). Interessante notar que Donana renegou a

liderança religiosa e passou-a para seu filho Zeca Chapéu Grande, curador de jarê. Contudo a progenitora ainda era entendida na comunidade com alguém ligada à espiritualidade, dona de dons especiais.

Martins (2003, p.5) sentencia que “No âmbito dos rituais afro-brasileiros, a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, que também a circunscreve, em um determinado circuito de expressão, potência e poder”. Sobre esse circuito expressivo, a protagonista relata momentos de intimidade com as outras mulheres da localidade que aconteciam no ambiente do Jarê como nesta descrição: “Ainda muito pequena, nas noites de jarê, sentava na sala de casa, no colo de sua avó ou de sua mãe, e cantava o ponto de Santa Bárbara e do Velho Nagô”. (JÚNIOR, 2018, p.217. As irmãs da fazenda Água Negra enaltecem a importância dos mais velhos, especialmente Donana, para a inserção delas no convívio com o mundo dos encantados, para o celebrar e o comungar da vivência simbólica e litúrgica do Jarê. Corroborando com a ideia da importância das mulheres para a construção e a memória dos saberes ancestrais, Lélia (1984) afirma que as trocas culturais de saberes do povo negro são constantemente transmitidas pelas mulheres negras, por meio do que ela apresenta como “coisas nossas”: o samba, o maracatu, o frevo e o candomblé.

O jarê, prática religiosa de matriz africana presente exclusivamente na região da Chapada Diamantina, é conhecido como o “candomblé dos caboclos”, e durante a narrativa as protagonistas percorrem sobre as casas, as noites, as brincadeiras e as crenças desta religião sincrética. O Jarê tem tanta força que o último capítulo é narrado por uma encantada do sexo feminino: Santa Rita Pescadeira. Itamar Viera Júnior trabalhou 15 anos no

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - estando entre comunidades rurais, indígenas e quilombolas e conheceu *in loco* a prática religiosa. Segundo o próprio autor a escolha da encantada para encerrar o romance foi um fato enriquecedor: "Isso para mim foi um achado, porque me deu a possibilidade de trabalhar, de criar dentro dessa personagem, de inventar as coisas que ela diz, que ela vive, as danças que ela pratica no jarê" (VALLE, 2021). A encantada Santa Rita Pescadeira, que tudo vê e sente, traz uma visão sobrenatural que decifra os silenciamentos presentes em toda a história e também fora dela unindo passado, presente e futuro.

Sou **uma velha encantada**, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a **minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente**, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca... A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes. (JÚNIOR, 2018, p.186). (Grifo nosso).

Santa Rita Pescadeira estabelece presença no imaginário da comunidade de Água Negra com um poder também ancestral carregado de força simbólica. Importante ressaltar que a entidade que narra o ato final do livro, o capítulo "Rio de Sangue", é responsável direta pela construção do desfecho da obra, que traz um evento forte e decisivo, que metaforiza o embate direto do povo negro subalternizado e do sujeito que está no papel de dominador. Pode-se dizer então que a encantada não é apenas a manifestação da crença mas também a materialização da manifestação da resistência do povo de Torto Arado, aglomerando ancestralidade, presente e futuro. Santa Rita Pescadeira, enaltecendo a coragem da mulher que protagoniza o ato decisivo do romance, sentenciando:

**Seu nome era coragem. Era da linhagem de Donana**, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com

a força de seu corpo. A mulher que sentiu as dores do parto e deitou em silêncio, mordendo os lábios para parir mais um filho. A que enterrou dois maridos, e só não enterrou o último por que o sangrou como se sangra uma caça...**Belonísia era a fúria que havia cruzado o tempo...**(JÚNIOR, 2018, p. 230). (Grifo nosso).

Observa-se que Santa Rita Pescadeira reverencia a força de Donana descrevendo de forma sucinta mas precisa os marcos da vida dessa mulher e reforça a força de Donana como parte construtiva peremptória da força de re-existência de Belonísia, cuja fúria foi irrefutável para o desenrolar da trama. Este trecho é categórico para o entendimento de como se constrói a memória do povo de Água Negra e de como Belonísia representa passado e presente em “uma fúria que havia cruzado o tempo” (JÚNIOR, 2018, p. 230). O cruzamento com o passado remete ao pensamento de Machado (2011) sobre ancestralidade como fundamento sentimental:

A ancestralidade é uma raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade, a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, integração, sua cultura. (MACHADO, 2011, p. 206)

Por um lado complementar, pode-se dizer que Belonísia incorpora um inconsciente coletivo, entendendo este como um reservatório de imagens latentes, chamadas de primordiais, que é herdado dos ancestrais, no qual o indivíduo recebe uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam, mesmo que de forma inconsciente. Sobre isto, Hooks informa:

Falar sobre reconhecimento ancestral dentro das tradições africanas é uma maneira de falar sobre como aprendemos

com os povos que podemos nunca ter conhecido, mas que vivem em nós novamente. Nas tradições ocidentais, fala-se sobre esse mesmo processo como inconsciente coletivo, os meios pelos quais herdamos a sabedoria e as maneiras de nossos ancestrais. (HOOKS, 2019, p.299)

As mulheres de Torto Arado herdam a forma de agir de suas ancestrais, conforme comprovado nas já citadas enunciações de Bibiana e Belonísia que mostram como a ancestralidade e o inconsciente coletivo ganham forma em suas vidas.

## **CONCLUSÃO**

Na construção do livro, a relação entre as netas Bibiana e Belonísia e a avó Donana é primordial para o enlace de corpos-vozes femininos e a ancestralidade. A personagem Donana, entendida como uma mestra negra de tradição é o fio condutor da história pois é a dona da faca que tem um papel simbólico fundamental na trama. A faca é o corte, é o sangrar de corpos, é o podar dos desejos, é o decepar da língua (o silenciamento) mas também é o enfrentamento e a construção da re-existência feminina que na trincheira com o dominador, de forma grupal representa o levante de um povo historicamente subalternizado.

Donana é a parteira, a curandeira, a entidade viva, desempenhando papel imprescindível na edificação da memória da comunidade de Água Negra. Vale observar que a construção imagética da personagem Donana ocorre de forma diferenciada na memória afetiva de cada neta. Enquanto Bibiana referencia a matriarca falando de suas mãos sutis e pequenas de parteira, Belonísia enaltece a força e a coragem da mulher. Contudo, a avó é parte constituinte da formação da resistência de ambas as netas.

Cantigas, ritos, rezas, encantadas: Torto Arado é tomado de elementos que remetem aos saberes ancestrais e por vezes, os

momentos são narrados por mulheres numa profusão de escrituras. Os corpos em movimento e as vozes em oralidades inspiram tradições e crenças que são passadas de mães para filhas em um círculo de pertencimento. Há uma dimensão feminina, presente nos relatos e enunciações, inclusive da encantada Santa Rita Pescadeira, que pode ser vista como formas de conhecimento e antigas experiências, tornando-se a portadora de consciência histórica de lutas.

Mesmo havendo na trama lugares e posições ainda intocáveis no cenário conservador, racista, patriarcal e hierarquizado dos rincões do país, a polifonia e o entrelace de discursos femininas apontam para histórias que podem ser reescritas por meio de narrações e testemunhos ficcionais, constituindo-se emergências de discursos historicamente interrompidos. “Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas.” (JÚNIOR, 2018, P.104).

É importante ainda pontuar o poder decolonial do romance *Torto Arado* cuja narrativa é construída por uma profusão de memórias, crenças e saberes ancestrais, importantes para o fortalecimento de uma nova linguagem literária fora do eixo demarcador colonizador.

## REFERÊNCIAS:

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JÚNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. Grupo Leya, Portugal, 2018

MACHADO, Adilbênia Freire. *Linguagem e identidade africana / afro-brasileira*. Fólio – Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2 p. 201-219 jul./dez. 2011

Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2023.1 — Fábrica de Letras | 444

MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

MARTINS, Leda Maria. (2003). *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Letras, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

SANTANA, T; ZAPPAROLI, A. Conceição Evaristo: *A escrituragem serve também para as pessoas pensarem*. Itausocial. 2020. Disponível em

:<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 17 fevereiro. 2023.

VALLE, Eduardo. *A história que 'Torto Arado' não contou*. **GQGlobo**. 2021. Disponível em <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2021/02/historia-que-torto-arado-nao-contou.html>. Acesso em: 17 fevereiro. 2023.